

Léxico e enunciação: contribuições para o ensino do substantivo

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3227>

Crislaine Silva¹

Resumo

Este estudo propõe investigar o funcionamento enunciativo do substantivo PORTA, em português brasileiro (PB), com intuito de apreender sua identidade semântica. Sob a luz da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b), para a qual o sentido de uma unidade lexical constrói-se na relação que estabelece com os demais elementos que constituem o sintagma nominal por ele evocado, busca-se evidenciar a invariância própria da unidade linguística. Para tanto, utilizamo-nos das práticas de glosa, parte fundamental do quadro teórico-metodológico, que se inscreve no campo da Linguística Enunciativa. Por contemplar a manipulação e reformulação das unidades, sustentada pela atividade epilinguística, a glosa é concebida como prática de grande importância para o ensino do substantivo em sala de aula, por primar pela reflexão e observação do funcionamento lexical.

Palavras-chave: enunciado; substantivo; identidade semântica.

¹ Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, São Paulo, Brasil; crislainelira@prof.educacao.sp.gov.br; <https://orcid.org/0000-0002-9109-123X>

Lexicon and enunciation: contributions to noun teaching

Abstract

This study proposes to investigate the enunciative functioning of the noun PORTA, in Brazilian Portuguese (BP), in order to apprehend its semantic identity. In the light of the Theory of Predicative and Enunciative Operations (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b), for which the meaning of a lexical unit is built in the relationship it establishes with the other elements that constitute the noun phrase evoked by it, it searches to highlight the invariance of the linguistic unit. Therefore, we used gloss practices, a fundamental part of the theoretical-methodological framework, which is inscribed in the field of Enunciative Linguistics, as it contemplates the manipulation and reformulation of units, supported by epilinguistic activity, glossing is conceived as a practice of great importance for the teaching of the noun in the classroom, for focusing on the reflection and observation of lexical functioning.

Keywords: statement; noun; semantic identity.

Um estudo enunciativo de PORTA

O presente estudo apresenta uma perspectiva diferenciada de abordagem do substantivo PORTA, que, centrada no processo de construção da significação no enunciado, refuta o posicionamento para o qual há valores semânticos nominais instituídos *a priori*. O objetivo consiste em evidenciar a sua identidade semântica a partir da diversidade de ocorrências que se elaboram enunciativamente e que têm, em seu fundamento, uma regularidade que lhe propicia integrar-se aos outros termos, construindo sentido.

Considerando-se o referencial teórico-metodológico, para o qual o sentido é construído pelo material verbal que lhe dá corpo, *i.e.* pelos enunciados organizados segundo regras nocionais, sintáticas e entonativas, o propósito é o de verificar como se dá o processo de atuação da unidade linguística não apenas pela diversidade de sentido em cada construção enunciativa da qual participa, mas também pela observação de quais são os fatores que a motivam, de modo a delinear um esquema operatório invariante que explique a variação: “o sentido das unidades constrói-se no e pelo enunciado, ao mesmo tempo em que elas determinam o sentido desses enunciados” (FRANCKEL, 2011, p. 23, *In*: DE VOGÜE; FRANCKEL; PAILLARD, 2011).

Para ilustrar, se pensarmos em um enunciado como “Feche a porta quando sair” (exemplo nosso), no qual o substantivo comum permite evocar o referente pautado na descrição da classe a que ele pertence, ou seja, permite que PORTA nomeie, em princípio, um objeto, através do qual se entra ou sai, o objetivo é elucidar de que modo esse emprego aproxima-

se de “Santos é uma porta importante para o comércio exterior” (exemplo nosso), no qual o referente é de outra natureza. Desta forma:

[...] a metodologia de análise adotada baseia-se na atividade de manipulação e reformulação de enunciados, tal como proposta por Franckel (2011c). Em seu fundamento, encontra-se a prática de elaboração de glosas, que consiste em um modo específico de parafraseamento cujo propósito é o de promover reformulações minuciosas e controladas com vistas à identificação dos processos enunciativos de construção de sentido de uma dada unidade lexical, processos comuns ao conjunto de enunciados nos quais ela se insere. (ROMERO; TRAUZZOLA, 2014, p. 241).

Como vimos, a prática de glosa consiste na manipulação de enunciados, para apreensão do funcionamento da unidade lexical, evidenciando-se a invariância que lhe é inerente. Desse fenômeno resulta a estabilização dos sentidos que são atribuídos aos enunciados, não se tratando de sentidos a serem classificados, entre tantas outras tipologias, como denotativo ou conotativo. Como bem explicam Romero e Trauzzola (2014, p. 241):

Considerando-se, portanto, a qualidade de polissêmica atribuída à língua, dado que a estabilização semântica de uma unidade lexical resulta das interações observadas no seio dos enunciados, o sentido adquirido por esta unidade marca necessariamente o término do processo de significação.

A manipulação dos termos, dentro do enunciado, nos evidencia o aceitável e o não aceitável: por exemplo, é perfeitamente aceitável falar em *a porta da geladeira*, mas não é possível falar em *a porta da televisão* (exemplos nossos), a menos que a representação evocada remeta a um obstáculo que tende a separar ou distinguir domínios, como no seguinte exemplo “A televisão é a *porta* para a alienação dos jovens”. Nesse caso, constrói-se a representação de que, por meio das programações televisivas, consideradas fúteis e vistas como um obstáculo, o jovem será conduzido (terá *acesso/entrada*) à alienação, tornar-se-á alienado. O domínio em jogo é o da não-alienação *versus* alienação. Daí ser interessante mencionar o que é dito por Franckel (2011, p. 121, *In*: DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011), quando observa que a sinonímia não permite observar o funcionamento característico de uma unidade linguística: “O recurso à sinonímia para explicar o sentido de uma unidade constitui, finalmente, uma negação de sua identidade, enquanto a glosa corresponde a uma tentativa de caracterizá-la em sua especificidade irreduzível”.

A partir da definição do substantivo PORTA, apresentada nos dicionários, seguiu-se incansável pesquisa para apurar ocorrências a partir da descrição dos referidos verbetes, assim, consultamos a *web*, acessando redes sociais, *blogs*, *sites* de notícias, fóruns de discussão, letras de música, reportagens, *sites* religiosos etc., a fim de coletar os múltiplos contextos em que PORTA se manifesta. Cabe dizer que todos os enunciados coletados

da *web* advêm de registros na modalidade escrita, não havendo nenhuma transcrição de áudios ou vídeos *on-line*.

O levantamento dos dados nos levou, inicialmente, a um total de 80 (oitenta) enunciados, dos quais 38 (trinta e oito) são provenientes das fontes lexicográficas e 42 (quarenta e dois) oriundos da *web*. A partir dos resultados, foi realizada uma seleção dos exemplos a serem analisados, excluindo-se enunciados com contextos semanticamente aproximados, por exemplo, *Um aluno derrubou a porta de uma sala de aula com chute e deixou uma professora ferida, na manhã desta terça-feira [...]*, cuja representação construída pela unidade PORTA é semelhante à verificada em *Homem é morto a tiros na porta de casa em Goiânia*, ambas remetendo à noção de objeto que *abre e fecha*, cujos lados externo e interno compõem a sua estrutura e funcionalidade. Selecionamos, então, os enunciados que possibilitam abrangente discussão acerca do funcionamento enunciativo de PORTA, embora alguns apresentem, evidentemente, construções nas quais os valores se aproximam.

Para chegarmos ao entendimento sobre a variação de PORTA, fez-se necessária a manipulação de diferentes enunciados nos quais a unidade lexical atua, o que nos possibilitou compreender as relações que PORTA estabelece ao construir valores semânticos que emergem dos mecanismos de estabilização evocados pela unidade. Notamos, portanto, que há no funcionamento de PORTA, parâmetros aparentemente simples que fundamentam as cenas enunciativas por ela elaborada, tais como aqueles que evocam os próprios domínios, a de domínio primeiro ou inicial (D⁰) e o domínio outro (Dⁱ), que será melhor explicado mais adiante.

Todos os conhecimentos, até aqui apresentados, trazem valiosos recursos para a apreensão dos fundamentos que regem a linguagem, então, porque não os utilizar também, nas práticas pedagógicas? A glosa, sustentada pela atividade epilinguística, nos conduz a um caminho mais assertivo para compreensão dos fenômenos linguísticos, auxiliando, portanto, no ensino de língua materna em sala de aula, visto que a observação do objeto que se deseja estudar poderá trazer relevantes contribuições aos estudantes, como explica Romero (2019), para quem a atividade epilinguística envolve uma racionalidade silenciosa, uma atividade que torna consciente um saber que o falante desempenha não conscientemente. Sendo assim:

A glosa faz proliferar fenômenos por meio de procedimentos experimentais, manipulações, o que, por sua vez, dá origem a uma representação metalinguística que diz, por meio de relações, o modo como a linguagem funciona. A glosa fundamenta-se na própria atividade epilinguística, que se integra, por sua vez, à própria atividade de linguagem. (ROMERO, 2019, p. 195).

Diversidade de emprego da unidade lexical

Algumas descrições a respeito da classe dos substantivos encontradas na literatura sustentam que há um sentido de base ou primeiro, que lhe é próprio. Refutamos, no entanto, essa concepção, visto que o sentido linguístico não tem um estatuto independentemente do material verbal, no qual é apreendido, pois sua estrutura enunciativa é construída, sobretudo, pela relação com os demais elementos que constituem o sintagma nominal por ele evocado dentro da cena enunciativa.

Consideramos, portanto, que um conjunto de termos pode contribuir para que o sentido dado a uma determinada unidade lexical seja estabilizado semanticamente. Ora, se é por meio do substantivo que se referenciam os seres, esse processo se deve à sua articulação, primeiro, com os demais elementos de um sintagma nominal, segundo, pelo fato de esse sintagma se integrar a uma proposição, e é isso que faz com que se construam os sentidos e que esses sejam entendidos como o resultado de um processo de enunciação.

Buscamos, ainda, compreender o semantismo do substantivo PORTA com uma representação de ordem nocional que se constrói a partir de seu funcionamento nos diferentes enunciados que a unidade ajuda a elaborar. Intenta-se verificar se há uma constante semântica – uma invariância – capaz de apreender o substantivo PORTA face à variação que lhe é constitutiva, para, assim, elucidar a construção de sentido a partir de cada um de seus enunciados.

A língua em uso abre, portanto, para a variação semântica, interessando-nos ver o que há de sistêmico na variação. Ao analisar o referido substantivo, pretende-se não apenas verificar a diversidade de sentido em cada construção enunciativa da qual participa, como também evidenciar os traços da atividade em operação, na qual considera-se a pluralidade de sentidos como uma característica constitutiva de uma dada unidade linguística. O conceito de operação remete à atividade languageira em si, o que explica a característica proliferativa e dinâmica da linguagem.

[...] justificativa pelo termo “operação” [que] deve-se justamente à hipótese de que o valor referencial do enunciado não é dado, mas algo construído. Isso significa que o arranjo de formas que o materializa remete não a valores, mas às operações de constituição do valor referencial. Estudar a enunciação é, portanto, estudar as modalidades de constituição desse valor. (FRANCKEL, 2011, p. 44, *In*: DE VOGÜÉ; FRANCKEL; PAILLARD, 2011).

Reiteramos que, embora analisemos especificamente o substantivo PORTA, a atividade analítica de glosa não se aplica à unidade de forma isolada, mas em interação com os

demais termos que lhe acompanham dentro do sintagma nominal por ela construído e que se integra ao enunciado. Por meio das reformulações entrevistadas, observando o comportamento da unidade inserida num dado contexto e interagindo com as demais unidades envolvidas é que se pode identificar os efeitos de sentido que provoca, permitindo-nos apreender os padrões que determinam a sua variação e os elementos aos quais se refere para enunciar. Ainda nas palavras de Franckel (2011), Romero e Trauzolla (2014), respectivamente, no que se refere à glosa:

Trata-se de um dispositivo de linguagem que passa por um longo percurso – na verdade, um processo de usura da linguagem por si mesma, mas que não se limita a isso. O que está em jogo é o estabelecimento de procedimentos controláveis, que passam por uma argumentação e que se apoiam em fatos de língua reproduzíveis para além das hesitações que, forçosamente, o simples recurso à intuição epilinguística implica. (FRANCKEL, 2011, p. 107, *In*: DE VOGÜÉ; FRANCKEL; PAILLARD, 2011).

A reformulação controlada ou glosa pode ser definida como uma atividade metalinguística que permite, ainda que de forma restrita e hipotética porque elaborada pelo analista, formalizar operações linguísticas e cognitivas realizadas de modo não consciente ao produzirmos enunciados. Trata-se, pois, da tentativa de tornar consciente um saber linguístico do qual fazemos uso sem que dele tenhamos consciência, um saber sustentado por nossa atividade epilinguística, atividade que consiste, para a Teoria das Operações Enunciativas, na própria atividade de linguagem. (CULIOLI, 1990; CULIOLI; NORMAND, 2005; ROMERO, 2011 *apud* ROMERO; TRAUZZOLA, 2014, p. 241).

Observemos duas ocorrências de PORTA, que ilustram importantes reflexões a partir da prática glosa:

1. Homem é morto a tiros na porta de casa em Goiânia.

Temos, no enunciado acima, o sintagma nominal “a porta de casa”. PORTA remete a um objeto que possibilita o acesso e/ou a passagem de um cômodo a outro ou do interior de um recinto para a sua parte externa por meio de sua abertura ou de seu fechamento. Esse emprego é considerado o uso prototípico do substantivo PORTA. Em outras palavras, PORTA pode ser visto como o que evoca um obstáculo capaz de diferenciar espaços, mais precisamente, dois domínios que se referem ao interior e ao exterior da casa. Um “homem morto na porta de casa” constrói, assim, a representação de alguém que morre do lado de fora de casa, antes de entrar em sua residência.

2. No século XVI Lisboa tornou-se a porta do comércio com o oriente.

Neste enunciado, nota-se que PORTA evoca em *a porta do comércio com o oriente* a representação de oportunidade de acesso a novos negócios, expansão, amplitude. Temos *Lisboa* vista como a cidade por meio da qual se dá a abertura que autoriza o trânsito de produtos do ocidente para o oriente. Se em (1), enunciado prototípico, temos áreas (interna e externa) interligadas ou não pela abertura ou fechamento da porta, aqui, temos *o ocidente* e *o oriente* como divisões do globo, interligados pelo comércio que a cidade de Lisboa, enquanto o que permite ou não o acesso, autoriza. Em outras palavras, PORTA, uma vez mais, é capaz de diferenciar domínios referentes a duas regiões de mercado, por elas interligadas. O enunciado traz uma nova acepção que, no entanto, se funda sobre o mesmo raciocínio anteriormente observado.

É interessante observar que, nas construções distintas elaboradas por PORTA, o sentido evidenciado é o de um obstáculo que, por sua abertura ou fechamento, possibilita a passagem de um domínio a outro ou permite o acesso entre eles.

Invariância e Identidade Semântica de PORTA

Após realização do estudo da unidade linguística PORTA, por meio da análise das contextualizações desencadeadas a partir de seu emprego, bem como da maneira como a própria unidade apreende os termos que com ela interagem. Assim, chegamos a uma forma abstrata invariante que caracteriza a identidade semântica da unidade linguística, o que denominamos *forma esquemática* (FE), como bem explica Franckel (2011, p. 26, *In: DE VOGÛE, FRANCKEL, PAILLARD, 2011*), “na identidade que constitui, não uma substância autônoma”. Analisamos, então, a natureza dos domínios que constituem a forma esquemática de PORTA. Isso significa que a sua identidade semântica vai se apresentar sob diferentes óticas não quaisquer no nível dos enunciados. Essas diferentes óticas respondem a padrões de variação, e não a valores classificados como denotativo, conotativo, literal ou figurado.

PORTA estabelece a interligação ou separação entre dois domínios, D^0 e D^1 , exercendo a função de acesso ou bloqueio entre eles. De uma situação, estado ou espaço primeiros (D^0), desencadeiam-se uma situação, um estado ou um espaço outros (D^1), diferentes do inicial, sendo PORTA o obstáculo que permite (ou não) acesso entre ambos os domínios.

Podemos dizer, em uma análise não definitiva, que três modos de apreensão do domínio primeiro ou inicial (D^0) e do domínio outro (D^1) são verificados em nossos enunciados, o que origina três grupos.

No primeiro grupo, temos PORTA estabelecendo relação espacial e especificando o interno e o externo de um recinto. Aqui, o termo apresenta uma funcionalidade considerada

prototípica e o sintagma preposicionado, quando presente, adquire valor restritivo, no sentido de que simplesmente especifica de qual PORTA se trata (*de casa, do automóvel*), como podemos ver neste enunciado já citado anteriormente:

3. Homem é morto a tiros na porta de casa em Goiânia.

No exemplo acima, temos D^0 que é o externo à casa, local onde ocorre o fato, sem que o homem adentre o recinto, que constitui o D^i .

Neste segundo grupo, evidencia-se PORTA estabelecendo uma relação de *condição* ou *meio* para transitar de um domínio a outro, que são de naturezas situacionais, ao contrário do que se observa no primeiro modo. Em outras palavras, a partir de uma dada situação D^0 , é desencadeada uma mudança que culmina em uma situação outra D^i , condicionada por algo, veja:

4. A universidade lhe abriu as portas.

Em (4), o SN *a universidade* é o meio ou condição que faz de *porta* aquilo que permite a passagem do *não ter sucesso* (D^0) ao *ter sucesso* (D^i).

O terceiro grupo remete aos enunciados em que os domínios dependem de um termo externo para se fazerem presentes, caso, por exemplo, do enunciado já mencionado em outro momento:

5. Lisboa tornou-se a porta do comércio com o oriente.

Nesse enunciado, sem a presença do SP *do comércio*, não se estabelecem os termos *ocidente* e *oriente* como domínios entre parceiros comerciais. Assim, ao contrário do primeiro grupo, em que PORTA, sem a presença do SP *de casa* ou *do automóvel*, evoca, por si só, o interior e o exterior de um recinto (casa ou automóvel) em termos espaciais, nesse terceiro grupo, o SP tem um importante peso na construção enunciativa. Observemos o exemplo a seguir:

6. Estava às portas da morte.

Do mesmo modo que no enunciado anterior, é *da morte* que estabelece a distinção entre os domínios *vida* e *morte* interligados pelo termo PORTA.

Para chegarmos ao entendimento sobre a variação de PORTA, fez-se necessária a manipulação de diferentes enunciados nos quais a unidade lexical atua, o que nos possibilitou analisar seu funcionamento enunciativo, ou melhor, as relações que

PORTA estabelece ao construir valores semânticos que emergem dos mecanismos de estabilização evocados pela unidade.

Manipulação de enunciados como uma prática pedagógica

O ensino-aprendizagem de língua materna, quando pautado em regras e classificações que não levam em conta o processo natural e criativo da expressão humana, pode vir a não contribuir positivamente para o desenvolvimento linguageiro e linguístico dos educandos, uma vez que dificulta a compreensão do objeto cujo funcionamento se almeja entender. É, sem dúvida, imprescindível que as práticas pedagógicas compreendam que os fenômenos da linguagem não acontecem de maneira isolada, mas de forma interativa e relacional. Logo, o estudo fragmentado das unidades linguísticas não suscita bons resultados, pois culmina em memorizações de formas e regras que, além de estarem sujeitas ao esquecimento, não levam o aluno a refletir sobre como uma unidade lexical significa em seus diferentes enunciados.

É um escândalo teórico (e didático), por exemplo, entre tantos outros, tratar dos substantivos isoladamente, como “forma pura”, para só muito mais tarde (um ano depois...) abordar a noção de *sujeito*, quando a própria origem filosófica dessas duas noções revela que são, de fato, as duas faces de uma mesma moeda. (BAGNO, 2010, p. 80).

Concebemos, portanto, que o ensino da gramática requer “estabelecer pontes entre o conhecimento intuitivo, implícito, manipulativo, verbalizado, com as palavras de cada dia e conhecimento sistematizado sobre a língua e seus usos” (MILIAN; CAMPS, 2006, p. 27). Ao não construir juntamente com o aluno características próprias a uma determinada classe de palavras, perde-se uma excelente oportunidade de lhe propiciar momentos de observação e ativação de conhecimentos que tornam significativa a compreensão do conteúdo trabalhado.

A metalinguagem, *i.e.*, a língua explicando a própria atividade de linguagem por meio da reflexão sobre os enunciados, referente a uma dada unidade linguística em sua relação com os diferentes contextos, se faz necessária para o desenvolvimento de atividades didáticas que contribuam para ampliar o conhecimento linguageiro, visto que pensar acerca das relações entre um dado substantivo e as demais unidades presentes nos enunciados aponta para regularidades sequer intuídas.

Logo, o estudo da gramática não deve se basear em metodologias para a fixação de conteúdo, mas, pode tomar, por exemplo, a prática de glosa realizada aqui neste trabalho. Basear-se sobretudo na compreensão do enunciado a partir da observação de como ocorrem as articulações que nele resultam. Como mostramos, esmiuçar o funcionamento

enunciativo a fim de apreender o que identifica uma dada unidade, ainda que de modo aproximativo, faz com que se compreenda a regularidade que permite a plurissignificação da unidade, em diversos ambientes textuais, e a própria singularidade de cada enunciado composto.

Quando nos sentimos desafiados a elaborar uma proposta pedagógica para o ensino-aprendizagem do substantivo, não estamos, com isso, invalidando as estratégias apresentadas pelos materiais didáticos, mas incitando a saudável discussão acerca das possibilidades de tornar as aulas que envolvem o trabalho gramatical mais significativas; em outras palavras, estamos propondo algo que, indo para além de um plano de aula, auxilie na desconstrução de paradigmas que limitam a natureza criativa da linguagem.

Para tanto, utilizamo-nos da prática de glosa, já descrita anteriormente, para pensar na reformulação de enunciados a fim de refletir sobre as diferentes construções suscitadas pelo substantivo, expondo, assim, outras maneiras de se trabalhar gramática, de forma a brincar com as unidades em questão e deixando fruir o desencadeamento da apreensão do seu conceito, sem oferecer uma definição de antemão.

Uma possibilidade seria a do próprio trabalho com as notícias de jornal, que, por fazerem parte da vida cotidiana, estão em toda parte, aparecendo em diferentes registros, sempre comentadas pelos grupos de falantes a quem possa interessar determinada notícia, como este pequeno trecho que segue, retirado de nossas análises, *Um ano após massacre em Suzano, porta atingida em ataque está exposta no gabinete do secretário da Educação de SP*. Pode-se despertar a curiosidade dos estudantes acerca do acontecimento descrito, discutindo, inclusive, a relevância do fato que fez com que a porta em questão se tornasse um símbolo *in memoriam*.

Após discussão introdutória, pode-se apresentar o enunciado já transcrito na lousa com o intuito de fomentar indagações norteadoras que estimulem o levantamento de hipóteses sobre questões intrinsecamente linguísticas, convidando os alunos a analisar a construção que PORTA elabora ao interagir com as demais unidades que a acompanham no enunciado, a começar pela presença ou ausência do determinante em *porta atingida em ataque*. Nesse caso, é interessante mostrar que se representa a construção de um objeto *porta* não qualquer, que o distingue de outros membros da classe de portas. Além disso, pode-se chamar a atenção para o uso prototípico da unidade PORTA no enunciado, já que se evoca a noção de um objeto capaz de diferenciar espaços “dentro” e “fora” de um determinado ambiente. Isso conduzirá o aluno a elaborar a sua percepção sobre as informações trazidas pelos recursos linguísticos, uma vez que, devido às circunstâncias, PORTA não está cumprindo a sua função de separar dois ambientes (externo e interno).

Ainda tratando do uso prototípico de PORTA e explorando o gênero notícia, pode-se apresentar outro enunciado para comparação *Ao sair de um veículo estacionado, o motorista*

desatento ao fluxo do trânsito abriu a porta do automóvel, a qual foi atingida por um caminhão que passava pelo local – chamando a atenção do aluno para o fato, aparentemente simples, de que PORTA, mais do que se referir a um objeto, evoca a representação de um espaço externo e interno.

O professor, enquanto mediador do conhecimento, deve conduzir o aluno às percepções sutis, como a relacionada à escolha lexical, que não se dá de maneira qualquer, mas muito bem pensada, especialmente no gênero notícia, cujo objetivo é o de informar e formar opiniões. Assim, o jornalista poderia ter optado por usar “esbarrou na porta” ao invés de “abriu a porta”, se quisesse induzir à representação de o motorista ter aberto a porta sem querer, tirando-lhe a culpa por sua falta de atenção, de acordo com o que intenciona despertar no leitor.

A partir desses enunciados, outros poderiam ser sugeridos pelo professor para a análise, antes mesmo de solicitar a contribuição dos alunos.

É primordial apresentar aos alunos outros enunciados que podem ser de seu interesse, caso, por exemplo, de *O confinamento abre a porta para os vícios*, assunto esse que tem sido muito discutido nos dias atuais por se tratar de uma situação que diz respeito a todos. Aliás, um sujeito sintático como *o confinamento* raramente utilizado outrora, agora faz parte do vocabulário dos falantes, que o incluem frequentemente em seu repertório.

Essa construção permite inicialmente que se estabeleça um debate relevante sobre o assunto, partindo-se da pergunta se o aluno concorda ou não com a afirmação sobre o confinamento propiciar o desenvolvimento de vícios. A criticidade, bem-vinda em todos os momentos de aprendizagem, pode posteriormente fazer com que o aluno examine o modo como os recursos linguísticos foram empregados, observando, por exemplo, a relação entre *porta* e *o confinamento*. Notamos que não se trata, portanto, de solicitar ao aluno que reconheça o substantivo e o classifique, mas que observe o seu funcionamento, o sintagma em si, refletindo sobre o porquê de *o confinamento abrir a porta para os vícios* e, mais ainda, sobre a relação entre o desenvolvimento (ou não) de vícios e o fato de PORTA se referir a domínios distintos.

Outros inúmeros gêneros podem ser propostos, pois o que interessa é a observação da materialidade dos enunciados no âmbito desses gêneros. Um trecho de letra de música como *Tranquei a porta do meu peito, depois joguei a chave fora* – permite trabalhar sentidos não necessariamente simples de serem explicados pelo aluno, mas que podem ser compreendidos em uma análise detalhada de *a porta do meu peito*. Importa conduzi-lo a compreender que o sintagma nominal evoca a noção de fechamento do peito, de uma barreira protetora que não permite acesso, não a um lugar, mas aos sentimentos do eu lírico, que intenta deixar fora de seu peito os sentimentalismos. Discussões dessa natureza são enriquecedoras e saem de oposições em termos de literal e figurado.

Propor atividades que envolvam reflexão, análise, observação e experimentação de possibilidades geram aprendizagem significativa e não mera memorização de conceito ou formas que possivelmente serão esquecidas.

Como bem define Vilela (2016, p. 128), o que se busca é:

Fazer compreender tais unidades como detentoras de uma identidade semântica que as define e como possuidoras de relativa autonomia em relação às outras unidades linguísticas que compõem um enunciado. Quando brincamos com os recursos que a linguagem nos oferece, valorizamos o conhecimento internalizado dos falantes e exploramos a criatividade inerente aos seres humanos, obtendo como produto um aprendizado muito mais significativo.

Segundo Rezende (2008), a ambiguidade constitutiva da unidade lexical marcada pelo jogo entre invariância e variação é o que traz a percepção acerca de sua identidade semântica. Nesse sentido, a parafraseagem com objetivo de reformular enunciados propicia a manipulação da variação, visto que a natureza da língua é produzir variações diversas. Esse raciocínio nos conduz a uma importante indagação, como temos apontado: “O que a unidade lexical apresenta de regular, por trás do que varia”? A mobilização de mecanismos para responder a essa questão evidencia a estabilização provisória da unidade lexical, que constrói seu sentido no enunciado, como vimos ao manipular o substantivo PORTA. A partir dessa constatação, temos um caminho mais fácil para a compreensão de como se articula a unidade na construção de sentido, sem que haja custos enunciativos.

Pensando na riqueza que nos trazem os textos, escolhemos uma crônica para explorar a construção de sentido advinda de um gênero que traz a reflexão sobre a vida cotidiana como base de sua proposição. Tendo como objetivo fazer uma análise crítica de uma determinada situação ou acontecimento, veiculada em jornais e revistas, a crônica possibilita ao leitor imprimir suas impressões acerca de um assunto real, bem como discutir as ideias ali apresentadas em uma roda de amigos, por exemplo.

Refletindo acerca de tudo que fora apresentado até agora, propusemos um trabalho, seguindo a metodologia analítica de glosa, para sala de aula, contemplando a observação das unidades linguísticas. Para tanto, escolhemos a crônica: “Circuito fechado”, de Ricardo Ramos (1994) pelo tema que aborda, que é a rotina de uma pessoa comum que se prepara para ir trabalhar e o desenrolar dessa rotina até sua volta para casa, algo que faz parte do repertório dos alunos. Todavia, foi escolhida principalmente por ser construída, quase em sua totalidade, por substantivos, permitindo reflexão sobre o próprio papel da classe, que, por não fazer por si só o termo se inserir espaço-temporalmente, constrói a representação de uma rotina sem que se mobilize, para tanto, o desenrolar de ações. Daí a sensação de uma rotina ainda mais intensa, que não cabe no espaço-tempo.

CIRCUITO FECHADO

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço. Relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos, jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia. Água. Táxi, mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras. Cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro. (RAMOS, 1994, p. 126).

Escrita basicamente com substantivos, esta crônica relata a rotina de uma pessoa, desde que acorda até o momento em que vai dormir. Alguns substantivos como *mictório* e *creme de barbear* nos fazem acreditar que se trata de um homem e a ordem do encadeamento nos faz perceber que se aborda a rotina de alguém que se prepara para ir trabalhar, os momentos durante o expediente e, por fim, sua volta para casa, em que tudo termina como começou: *Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete*. Ao acordar e ir se deitar formase um circuito fechado, uma rotina diária que se inicia e termina do mesmo modo, não havendo saída para outro percurso, tal como acontece com um circuito fechado.

O encadeamento de sucessivos substantivos mostra-nos a sutileza dos detalhes da vida cotidiana, com ações a serem evocadas conforme a compreensão do falante, muitas delas representadas por empregos frequentes, como no caso de *chinelos*, que remeteria a *pôr os chinelos*. Mas não necessariamente seriam as do emprego frequente, visto que, no caso de *vaso*, evoca-se simplesmente, por exemplo, o *ir ao banheiro*. Importa notar que é este encadeamento que traz o efeito de sucessão de atos, de movimento.

Ora, aprendemos desde muito cedo que somente os verbos são responsáveis pela expressão das ações; por essa e outras razões, o ensino de gramática viabilizado apenas pelo estudo de categorias não dá conta de explicar os fenômenos da linguagem, que são transcategoriais, o que se conhece por *ação* podendo se exprimir de muitas maneiras.

Ao observar os meandros que percorrem esse texto, podemos nos deleitar com sua construção irreverente, elaborada basicamente com substantivos, salvo apenas pelas presenças da conjunção “e” e das preposições “com” e “de”. Cada encadeamento torna-se um enunciado repleto de sentido, e isso graças à organização vocabular, que é coerente e progressiva mesmo com a ausência de elementos coesivos. Isso ocorre porque a interação entre as unidades proporciona a construção de representações nocionais que remetem ao sentido, cada termo empregado convocando a noção de variados modos e, ao mesmo tempo, de uma maneira regulada pelo encadeamento no qual se faz presente. É assim que *chinelos*, no referido encadeamento, evoca *pôr os chinelos*, *colocar os chinelos* e, por que não?, *arrastar-se (com os chinelos nos pés)* etc.

Deste modo, percebemos claramente que não são unidades isoladas que constroem o sentido, mas um conjunto de elementos como as relações semânticas oriundas do encadeamento enunciativo, bem como os fatores culturais que o indivíduo guarda em seu acervo, neste caso, aquele que se refere à rotina de uma pessoa que sai para trabalhar todos os dias.

Uma vez mais, constatamos que a escolha lexical não se dá de forma qualquer, mas de acordo com o que os termos mobilizados por ela atraem. Pode-se subentender um sujeito do sexo masculino, implícito, este declarado por algumas unidades, como *mictório*, *creme de barbear*, *cueca*, por exemplo. Mas como na linguagem as percepções não se dão de maneira engessada, e sim com amplitude de interpretações, pode-se também considerar que a ação que envolve essas palavras sejam advindas de uma mulher, que se aproxima de um *mictório*, que recolhe o *creme de barbear* que estaria em cima da pia; ou sobre a *cueca*, que pode estar sob a ação de ser guardada e não necessariamente sendo vestida, o que acarretaria outra construção de sentido, suscitando uma rotina voltada a tarefas domésticas, por exemplo. Brincar com cenários diversificados pode ser uma boa intervenção por parte do professor, pois explora a abrangência de sentidos construídos a partir da intenção do que se pretende enunciar.

Assim, se tomarmos outro trecho como “*Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete*” – poder-se-ia remeter à representação de “*guardar os chinelos, limpar o vaso, dar a descarga. Limpar a pia, pôr sabonete, mais gasto de água! Pendurar a escova, guardar o creme dental, e gastar água novamente limpando a espuma do creme de barbear. Guardar o pincel, e mais espuma na gilete!*”, ações estas realizadas por pessoas de qualquer gênero, feminino ou masculino.

Há igualmente a percepção de que a pessoa que realiza as ações, neste texto, seja fumante, como nos mostram *cigarro, fósforo, maço de cigarros, caixa de fósforos*, unidades recorrentes no texto, evidenciando o fumo em demasia. Desta forma leve e progressiva, pode-se apreender as minúcias do texto, que tanto tem a dizer, e diz por meio do engendramento das unidades linguísticas, fazendo-nos constatar que não se trata apenas e tão somente de um amontoado de palavras soltas, mas da construção de coerência e sentido a partir de seu agenciamento. Neste se mostram, por exemplo, momentos específicos de uma rotina ou a passagem do tempo, sem que haja advérbio de tempo e sequência lógica, mesmo não existindo elementos coesivos.

É possível, em suma, convidar os alunos para diferentes leituras prazerosas do texto, mostrando-lhes a gama de possibilidades de construções desencadeadas pela sucessão de substantivos, o que certamente não ocorreria se não fosse ele o personagem solo. O fato é que não basta que se apresentem textos e mais textos, se tais textos não forem explorados de maneira reflexiva, pois é a investigação das possibilidades linguísticas advindas da produção e compreensão textuais que oportuniza ao estudante perceber a construção que determinada unidade realiza.

A partir das considerações apresentadas, almeja-se contribuir com densa discussão acerca do modo como o substantivo é concebido, trazendo a teoria culioliana para enriquecer e agregar conhecimento acerca da maneira como se dão a produção e o reconhecimento de enunciados na prática cotidiana dos falantes.

Trata-se, portanto, de uma teoria de formas que constroem, de múltiplas maneiras, posições intersubjetivas, modos de asserção, de interrogação, de injunção, de exclamação, de concessão etc. A atividade de linguagem pela qual nos interessamos é, assim, inteiramente definida pelo que as formas, seus arranjos e as restrições manifestadas por esses arranjos delineiam. (FRANCKEL, 2011, p. 11, *in*: DE VOGÜÉ; FRANCKEL; PAILLARD, 2011).

Por fim, salientamos que este estudo, fundamentado em uma teoria da observação e em uma diversidade de produções, nos auxiliou a compreender as complexidades da linguagem e a refletir sobre como promover a sua aprendizagem por meio de metodologias que realmente possam vir a atingir nossos educandos, abrindo precedentes para continuidade de pesquisa acerca do tema.

Considerações finais

Reforçamos com veemência que a observância e a reflexão acerca da maneira como as unidades linguísticas se relacionam são de grande valia, sobretudo no trabalho realizado em sala de aula, em que os estudantes terão a oportunidade de compreender como se

dão os arranjos intersubjetivos que se articulam, de maneira a estabelecer sentido aos enunciados.

Ainda temos muito a pesquisar e discutir, mas acreditamos estar no caminho certo quando nos vemos, apoiados em Franchi (2006) e nos diferentes estudiosos do referencial teórico no qual nos fundamentamos, sermos capazes de propor atividades que têm na criatividade um recurso importante para a apreensão do modo como se elabora o sentido. Neste estudo, almejamos contribuir com densa discussão, trazendo a teoria culioliana para enriquecer e agregar conhecimento acerca da maneira como se dão a produção e o reconhecimento de enunciados na prática cotidiana dos falantes. Tal estudo, fundamentado em uma diversidade de produções, nos auxiliou a entender as complexidades da linguagem e a refletir sobre como promover a sua aprendizagem por meio de metodologias que realmente possam vir a atingir nossos educandos.

Assim, a teoria aqui apresentada, sem dúvida alguma, nos conduz a repensar um conjunto de conceitos e procedimentos tidos como imutáveis ao instigar ajustes contínuos em nossas práticas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Gramática, para que te quero?* Os conhecimentos linguísticos nos livros didáticos de português. Curitiba: Aymará, 2010.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 1. Opérations et représentations.* Paris: Ophrys, 1990.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 2. Formalisation et opérations de repérage.* Paris: Ophrys, 1999a.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation. Tome 3. Domaine notionnel.* Paris: Ophrys, 1999b.

DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. *Linguagem e Enunciação: representação, referenciação e regulação.* São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.* 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MILIAN, M.; CAMPS, A. El razonamiento metalingüístico en el marco de secuencias didácticas de gramática (SDG). *In: CAMPS, A. (org.). Diálogo e investigación en las aulas*. Barcelona: Editora GRAÓ, 2006.

RAMOS, R. Circuito fechado. *In: LADEIRA, J. de G. (org.). Contos brasileiros contemporâneos*. São Paulo: Moderna, 1994.

REZENDE, M. L. Atividade epilingüística e o ensino de língua portuguesa. *Revista do GEL*, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008.

ROMERO, M.; TRAUZZOLA, V. Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para a Teoria das Operações Enunciativas. *Calidoscópico*, v. 12, p. 139-248, 2014.

VILELA, R. T. *Educação léxico-gramatical*. Um estudo semântico da preposição COM. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Guarulhos, 2008.